

Karin Strobel

AS IMAGENS DO OUTRO SOBRE A
CULTURA SURDA



EDITORA
DA UFSC

© 2008 Karin Strobel

Editora da UFSC
Campus Universitário – Trindade
Caixa Postal 476
88010-970 – Florianópolis/SC
Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686
Fax: (48) 3721-9680
edufsc@editora.ufsc.br
www.editora.ufsc.br

Direção editorial e capa:
Paulo Roberto da Silva

Revisão técnico-editorial:
Aldy Vergés Maingué

Editoração:
Victor Emmanuel Carlson

Revisão:
Sueli Fernands

Ficha Catalográfica

(Catalogação na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina)

S919i Strobel, Karin
As imagens do outro sobre a cultura surda / Karin
Strobel. – Florianópolis : Ed. da UFSC, 2008.
118p. : il.
Inclui bibliografia.
1. Surdos. 2. Cultura. 3. Surdos – Aspectos.
I. Título.

CDU: 362.42

ISBN 978-85-328-0428-0

Reservados todos os direitos de publicação total ou
parcial pela Editora da UFSC

Impresso no Brasil

Capítulo 4

Os artefatos culturais do povo surdo

Conhecer o mundo pela visão significa, ainda, desenvolver um código visual com o qual os surdos associam significado e significante a partir das informações visuais que extraem do meio.
(Sandra Patrícia de Farias)

Retomando as reflexões questionadas: o que e quais seriam estas normas e valores do povo surdo e por que os sujeitos surdos se comportam diferente dos sujeitos ouvintes? E com isto, trazemos à baila alguns “artefatos culturais” que são as peculiaridades da cultura surda.

O que seriam artefatos culturais? A maioria dos sujeitos estão habituados a apelidar de “artefatos” os objetos ou materiais produzidos pelos grupos culturais, de fato, não são só formas individuais de cultura materiais, ou produtos definidos da mão-de-obra humana; também podem incluir “tudo o que se vê e sente” quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, tais como materiais, vestuário, maneira pela qual um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc.

Segundo constatamos em diversos autores nos campos dos Estudos Culturais, o conceito “artefatos” não se referem apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo.

Traço comum em todos os sujeitos humanos seria o fato de que somos todos artefatos culturais e, assim, os artefatos ilustram uma cultura.

O que são artefatos culturais?

Vou citar alguns artefatos mais importantes que ilustram a cultura do povo surdo isto é, as suas atitudes do ser surdo, de ver, de perceber e de modificar o mundo.

4.1 Artefato cultural: experiência visual

O primeiro artefato da cultura surda é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? E para onde queremos ir? Qual é a nossa identidade?

Quando fazemos referência à identidade cultural, referimo-nos ao sentimento de pertencimento a uma cultura, isto é na interação do sujeito surdo com a sua comunidade, assim como reflete Hall (2004), é a representação que atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior. Vou elucidar um exemplo de uma situação ocorrida comigo:

Uma vez meu namorado ouvinte me disse que iria fazer uma surpresa para mim pelo meu aniversário; falou que iria me levar a um restaurante bem romântico. Fomos a um restaurante escolhido por ele, era um ambiente escuro com velas e flores no meio da mesa, fiquei meio constrangida porque não conseguia acompanhar a leitura labial do que ele me falava por causa de falta de iluminação, pela fumaça de vela que desfocava a imagem do rosto dele, que era negro; e para piorar, havia um homem no canto do restaurante tocando musica que, sem poder escutar, me irritava e me fazia perder a concentração por causa dos movimentos dos dedos repetidos de vai-e-vem com seu violino. O meu namorado percebeu o equivoco e resolvemos ir a uma pizzeria!

Segundo Wilcox, o professor e escritor surdo americano, Ben Bahan propôs que os sujeitos surdos começassem a ser chamadas de “pessoas visuais”:

Usando essa palavra eu me coloco na posição das coisas que eu posso fazer ao invés das que não posso fazer. Identificando-me como uma pessoa visual, isso explicaria tudo ao meu redor: os aparelhos TDDs, os decodificadores, as campainhas luminosas, a leitura labial e a emergência de uma língua visual, a língua de sinais americana (2005, p. 17).

Os sujeitos surdos, com a sua ausência de audição e do som, percebem o mundo através de seus olhos, tudo o que ocorre ao redor dele: deste os latidos de um cachorro – que é demonstrado por meio dos movimentos de sua boca e da expressão corporeo-facial bruta – até de uma bomba estourando, que é obvia aos olhos de um sujeito surdo pelas alterações ocorridas no ambiente, como os objetos que caem abruptamente e a fumaça que surge; deste modo complementam autores surdos Perlin e Miranda (2003, p. 218):

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.

Estas percepções visuais abrangem, através de expressões faciais e corporais, das atitudes dos seres vivos e de objetos em diversas circunstâncias. De minha vida surda cotidiana, escolho outro episódio que ocorreu comigo para a melhor compreensão da acepção deste artefato visual:

Eu estava sentada em sala de aula, em uma classe com outros alunos ouvintes, “olhando” distraidamente para os movimentos dos lábios da professora que estava falando; de repente, a professora parou subitamente de movimentar os lábios e virou o rosto assustado para a janela. Percebi que toda a turma fazia o mesmo e todos correram para olhar pela janela. Eu, meio desorientada e curiosa, fiz o mesmo para ver o que provocou toda a algazarra da turma e percebi tardiamente que tinha acontecido uma batida de carro lá fora.

Faço menção de outro exemplo parecido, referentes à experiência visual de uma criança surda ilustrado no livro “*Surdo na América: Vozes de uma Cultura*” pelos autores surdos Padden e Humphries (2000, p. 21):

[...] Jim sentado numa sala próximo de uma porta. De repente sua mãe aparece, caminhando proposadamente até a porta. Ela abre a porta, e há uma visita aguardando na entrada. Mas se a criança abrir a porta num outro momento, é provável que nenhuma visita esteja lá. Como a criança, que não ouve a campainha, entende qual é o estímulo para o provável comportamento de abrir a porta e encontrar alguém aguardando lá?

Poderíamos citar várias ocorrências com crianças surdas que não têm contato com sujeitos surdos adultos e nem com a comunidade surda. Citarei cá um ocorrido em especial com esta criança surda, que como quaisquer outras crianças, enchem seus pensamentos de curiosidades e dúvidas sobre tudo o que acontece ao seu redor, só que, como ela é a única surda e todos os membros da família são ouvintes, muitas vezes, as suas curiosidades não são satisfeitas pela barreira de comunicação. Então pode acontecer que ela comece a se questionar com estas dúvidas: Eu vou crescer? Eu vou ser adulta? Eu vou morrer cedo?

Isto acontece porque a criança surda sabe que ela é diferente das outras pessoas que ouvem, ela dirige seu “olhar” ao seu redor na vida cotidiana, ela vê que tem vizinhos ouvintes, crianças ouvintes, balconistas ouvintes, policiais ouvintes, professores ouvintes, médicos ouvintes, pessoas de família ouvintes, até os bichos são ouvintes e ela própria é diferente. E como ela nunca viu um adulto surdo a quem possa ter um vínculo identificatório, ela pode chegar à conclusão de que vai morrer, já que não existem adultos surdos.

É complexo para estas crianças surdas que não têm acesso às informações rotineiras pela barreira de comunicação, assim como o sueco lingüista surdo afirma:

Se os surdos têm contato com a língua de sinais desde cedo; assim a criança surda poderia sentir como as outras crianças, fazer perguntas e obter as respostas, ou seja, a curiosidade da criança surda será satisfeita muitas vezes e terá maior acesso às informações. (WALLIS, 1990, p. 16)

Mais uma vez, cito uma experiência visual durante minha infância surda:

Uma vez a empregada doméstica estava lavando o quintal no fundo de casa e eu ficava sentada observando a água suja de lama e sabão correndo até o bueiro. No meio desta sujeira estava um bicho estranho de mais ou menos de uns seis centímetros que estava morto. Assustei-me porque o associava com o bicho que vi na televisão noutro dia, jacaré enorme que comia as pessoas e tive muitas noites de insônias com medo da existência deste bicho no nosso quintal e que viria me pegar e me comer. Só agora eu entendo que não era jacaré e sim simplesmente uma lagartixa. Não havia ninguém que me informasse sobre isto.

Isto mostra a necessidade de refletirmos com seriedade na importância de trazer as crianças surdas ao contato com surdos adultos para criarem um vínculo identificatório cultural, a fim de evitar que esta habitual dúvida surgida com o “olhar” ao seu redor na vida cotidiana possa pesar nas suas reflexões e provocar futuras angústias e ansiedades. Afirmam Freeman, Carbin e Boese: “As pessoas surdas vêem o mundo de maneira diferente, em alguns aspectos, porque suas vidas são diferentes. Enquanto as crianças surdas vão amadurecendo, elas não encontram modelos satisfatórios dentro de sua família”. (1999, p. 222)

Este contato criança surda X adultos surdos, através de uma língua em comum, que é a língua de sinais, é que proporcionará o acesso à linguagem e desta forma, estará também assegurada a identidade e a cultura surda, que é transmitida naturalmente à criança surda em contato com a comunidade surda.

Os autores surdos Padden e Humphries (2000, p. 22) explicam que pode haver interpretações diferentes de uma mesma situação, dos sujeitos surdos e ouvintes; os sujeitos surdos interpretam visualmente, enquanto os sujeitos ouvintes estão mais voltados para a audição:

Uma colher cai e provoca um som quando bate no chão. Alguém a junta, mas não simplesmente por que ela provocou um som mas porque saiu fora de vista. O fazendeiro sai para ordenhar as vacas não somente porque elas fazem barulho, mas porque é o amanhecer, a hora reservada para ordenhar.

Muitas vezes a sociedade dificulta a participação dos sujeitos surdos, deixando de colocar muitos recursos visuais que promovem suas acessibilidades em vários espaços. Cito uma situação narrada pela surda em uma agência de banco onde, pela falta de um painel que ilustra o número das senhas da fila para atendimento, a funcionária esqueceu de que havia uma pessoa surda aguardando para ser atendida:

Cheguei ao banco e peguei a senha de prioridade, avisei a moça do caixa, pois não tinha painel para ver a chamada, fiquei aguardando sentada no local reservado e fui vendo que ela ia chamando as pessoas e nada de chegar minha vez. De repente, levantei e disse para a moça do caixa: moça, meu número é 54. Ela disse: Oh! Desculpe esqueci-me de você e já passaram muitos números, fica aí do lado que logo te atendo. (SHIRLEY VILHALVA)¹³

Quando tem mudanças de horários ou de locais de ônibus ou aviões sendo anunciados pelo microfone, os sujeitos surdos geralmente os perdem por não terem avisos escritos, como em um episódio que ocorreu comigo:

Eu estava retornando para minha cidade num avião que desceu em São Paulo para uma conexão com outro avião, lá no Aeroporto de Guarulhos – SP; apelei para o atendimento especial porque o aeroporto era muito grande e havia poucos recursos visuais que facilitassem a minha acessibilidade e com isto eu perdia muitas informações ditas pelo alto-falante. Então a moça do atendimento especial me deixou na sala vip, alegando que o meu avião estava atrasado. Fiquei esperando lá na sala sozinha cerca de 4 horas seguidas e, quando alguém apareceu na sala e me viu lá, perceberam que esqueceram de mim e o meu avião já tinha ido há 3 horas.

Tem algumas atitudes acerca da percepção visual entre os sujeitos surdos, por exemplo, durante a conversa ficar de frente a frente é uma circunstância muito valorizada pelo povo surdo, não importando a distância, por isso eles evitam virar as costas enquanto estão em interação; se isto ocorre é considerado como insulto ou desinteresse. Também quando estão conversando distantes um de outro e alguém “corta” neste espaço visual ficando de obstáculo no meio, é considerado uma grave falta de educação para a comunidade surda.

Tem ocasiões quando os sujeitos surdos perdem seu campo visual, por exemplo, quando apagam a luz ficam desorientados e em apuros

[...] um grupo de surdos, do qual eu fazia parte, foi visitar uns amigos. [...] a luz do corredor apagou-se. [...] começou o pânico. Não sabíamos onde se encontrava o interruptor daquele andar e não podíamos combinar quem de nós deveria procura-lo. E se cada um de nós está esperando pelo outro para acender a luz? E se eu não o fizer, e ninguém mais também, por quanto tempo ficaremos nessa escuridão? Parece que todos tiveram o mesmo pensamento e saíram à procura do interruptor. Éramos seis e ficamos esbarrando uns nos outros, sem poder nos comunicar. Essa situação acabou quando um morador entrou no prédio, por acaso, e acendeu a luz. (STRNADOVÁ, 2000, p. 194)

Eu trago uma situação que ocorreu comigo:

Durante uma viagem, fui ao banheiro dentro de ônibus, o mesmo era de dois andares e o banheiro ficava embaixo. Fiquei presa dentro de banheiro, entrei em pânico, porque tudo era fechado sem janelas, era noite e ia demorar uns 3 horas para chegar ao meu destino e quando chegar, como avisar ao motorista que estou presa? E se me chamarem? Como poderei ouvir? Como posso “ver” se estão me ouvindo e se estão me chamando? E como vou explicar a eles se não posso “ver” a resposta deles? Bati com força na porta, esmurrei a porta com pontapé... Fiz o maior barulho, achando que havia pessoas lá fora me aguardando com curiosidade e tentando me ajudar. Depois de duas horas, consegui abrir a porta, e vi que ninguém percebeu que estava presa, e nem ouviram o meu barulho, será que houve barulho ou era a minha imaginação?

Voltando à expressão facial e corporal, eles também podem desempenhar outro papel de suma importância na conversação em língua de sinais como uma forma de transmissão de mensagens através de um contexto que não procede da oralidade, mas do corpo e de expressão do rosto que funciona algumas vezes, como meio de reforçar uma idéia que está sendo transmitida

Por exemplo, para constituir tipos de frases na oralidade, percebe-se quando a frase esta na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa através da entonação da voz; no caso de língua de sinais precisamos estar atento à expressões facial e corporal que são feitas simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase.

Inclusivamente os surdos oralizados¹⁴ também têm este artefato cultural visual, a maioria deles se apóia na percepção visual para ler nos movimentos dos lábios do interlocutor que articula as palavras e frases da língua portuguesa. Eles formam movimentos para lutar pelos seus direitos de terem legendas em vários programas de televisão e DVDs, mais um dos recursos visuais apelados por eles.

¹⁴ Chamamos de “surdos oralizados” aqueles que não convivem com a comunidade surda e não usam a língua de sinais, estes se comunicam somente através da fala, escrita e de leitura labial. Também quero ressaltar que tem muitos sujeitos surdos que convivem nas comunidades surdas e usam língua de sinais também são oralizados, para estes chamamos de “surdos”.

¹¹ Agradeço a Shirley Vilhalva pela contribuição de sua narrativa como exemplo para este livro.

4. 2 Artefato cultural: lingüístico

O segundo artefato cultural do povo surdo é o lingüístico, a língua de sinais é um aspecto fundamental de cultura surda. No entanto incluem também os gestos denominados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros”¹⁵ dos sujeitos surdos de zonas rurais ou sujeitos surdos isolados de comunidades surdas que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e se procuram comunicar apontando e criam sinais, pois não têm conhecimentos de sons e de palavras. Cito situações que ocorre com estes sujeitos surdos descritos acima:

Um sujeito surdo em zona rural, isolado da comunidade surda e que nunca aprendeu a língua de sinais, a falar ou escrever, sem ter a noção de horas e dias de semana. , observa ao seu redor que tem um dia da semana em que as frutas sempre são colhidas, o dia certo de ir á igreja, os dias em que o caminhão vem pegar o lixo e de quando o sol aparece no horizonte é a hora de ordenhar e pegar ovos, etc. Ele acompanha esta rotina de acordo com o seu “olhar” do dia-a-dia de sua vida e cria sinais que representam seu cotidiano.

Para o sujeito surdo ter acesso as informações e conhecimentos e para construir sua identidade é fundamental criar uma ligação com o povo surdo em que se usa a sua língua em comum: a língua de sinais.

A língua de sinais é uma das principais marca da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

Faço referência, mais uma vez, a uma situação ocorrida comigo: *em escola de ouvintes, além de muitas outras disciplinas, eu tinha aulas de religião que não entendia muito, as únicas coisas que sabia era que Deus era muito importante e, se morresse iria de ficar de frente com Ele, e isto me incomodava, me deixando muito ansiosa. Minha mãe percebeu e me questionou, expliquei a ela através de gestos e vocabulários isolados que, se eu morresse, como Deus iria me entender? Não sabia falar. Minha mãe explicou que Deus entendia qualquer língua.*

¹⁵ Sinais caseiros correspondem aos gestos ou construção simbólica inventadas no âmbito familiar, é comum a constituição de um sistema convencional de comunicação entre mãe-ouvinte e criança-surda, a família acaba lançando mão desse recurso apesar de muitas vezes não aceitar a Língua de Sinais por pensar que esta atrapalhará a aprendizagem da fala do seu filho. (ALBRES, p. 4, acesso em: 13 ago. 2007, <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo15.pdf>)

Mas na verdade eu tinha uma língua?

Minha língua era o português fragmentado e ininteligível e gestos caseiros. Me apoio em Quadros: *“A língua portuguesa não será a língua que acionará naturalmente o dispositivo devido, à falta de audição da criança. Essa criança até poderá vir a adquirir essa língua, mas nunca de forma natural e espontânea, como ocorre com a língua de sinais”*. (1997, p. 27).

Quando um bebê nasce surdo, ele desenvolve inicialmente as mesmas fases de linguagem que o bebê ouvinte: grito de satisfação, choro de dor e fome, emite sons sem significados até mais ou menos seis meses de idade e quando chega à fase de balbúcio é que começa a ser diferenciado um do outro. Porque o bebê ouvinte, podendo ouvir os sons do ambiente ao redor de si tenta se comunicar emitindo sons, enquanto o bebê surdo, não ouve sons do ambiente e, por isto, as primeiras “palavras” não surgem. Conseqüentemente fica com a aquisição de linguagem atrasada e limitada por falta de continuidade e acesso aos conhecimentos e informações externas.¹⁶

Pelas pesquisas científicas já feitas nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil, comprovaram que as crianças surdas de pais surdos se saem melhor no desenvolvimento da linguagem que as outras crianças surdas de pais ouvintes. Pois as mesmas não apresentam os problemas da defasagem de linguagem porque os pais surdos já estão se “comunicando” em língua de sinais com os filhos surdos o mais precocemente possível, esclarecendo todas as suas curiosidades naturais.

Os sujeitos surdos que têm acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda tem maior segurança, auto-estima e identidade sadia. Por isto é importante que as crianças surdas convivam com pessoas surdas adultas em quem se identificarem e ter acesso às informações e conhecimentos no seu cotidiano. Segundo Moura, Lodi e Harrison (apud LACERDA):

[...] a criança (no contato com modelos surdos adultos) não apenas terá assegurada a aquisição e desenvolvimento de linguagem, como (também)

¹⁶ Para saber mais, ler livro: QUADROS, Ronice. Educação de surdos: a aquisição da linguagem, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

a integração de um autoconceito positivo. Ela terá a possibilidade de desenvolver sua identidade como uma representação de integridade, não como a de falta ou de deficiência [...] podendo se perceber como capaz e passível de vir a ser. Ela não terá de ir atrás de uma identidade que ela nunca consegue alcançar: a de ouvinte. (2000, p. 68).

A língua de sinais é transmitida nas comunidades surdas e, apesar de por muito tempo na história dos surdos ter sofrido a repressão exercida pelo oralismo, a língua de sinais não foi extinta e continuou a ser transmitida, de geração em geração, pelos povo surdo com muita força e garra.

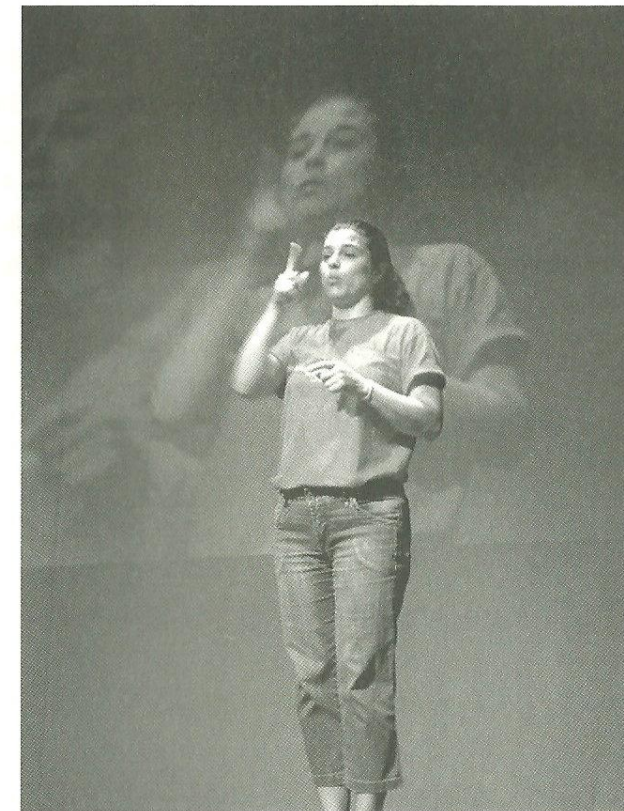
A língua de sinais é uma língua prioritária do povo surdo que é expressa através da modalidade espacial-visual. A partir da década de 1950 iniciaram-se estudos aprofundados sobre as línguas de sinais como, por exemplo, o do americano Willian Stokoe (1965) e, no Brasil, os ouvintes pioneiros e depois vieram os pesquisadores surdos; como, por exemplo, os ouvintes Lucinda Ferreira Brito (1986), Ronice Quadros (1995; 2004), Tanya Felipe (2002) e Lodenir Karnopp (2004) e os surdos lingüistas Ana Regina e Souza Campello (2007) e Shirley Vilhalva (2007), que proporcionaram a valorização da língua de sinais, dando-lhe status como uma língua legítima do povo surdo.

No mundo todo, há, pelo menos, uma língua de sinais com suas variações regionais usada amplamente na comunidade surda de cada país, diferente daquela da língua falada utilizada na mesma área geográfica.

A língua de sinais do Brasil não pode ser estudada tendo como base a língua portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada, independente da língua oral.

Neste artefato lingüístico do povo surdo, a língua de sinais também pode passar pelas mudanças históricas – com o passar do tempo, um sinal pode sofrer alterações decorrentes dos costumes da geração surda que o utiliza – percebemos tal qual com a citação de Padden e Humphries (2000, p. 74):

Lembramos dos artistas Surdos de hoje, os poetas e contadores de história de nossa geração, e a forma de prazer que eles levam a um público, porém também estava claro que desde 1940 a performance sinalizada havia mudado. [...] os artistas de hoje são muito mais auto-conscientes, o que chamaríamos de analíticos, sobre sua linguagem [...].



(Uma surda dando palestra em língua de sinais)

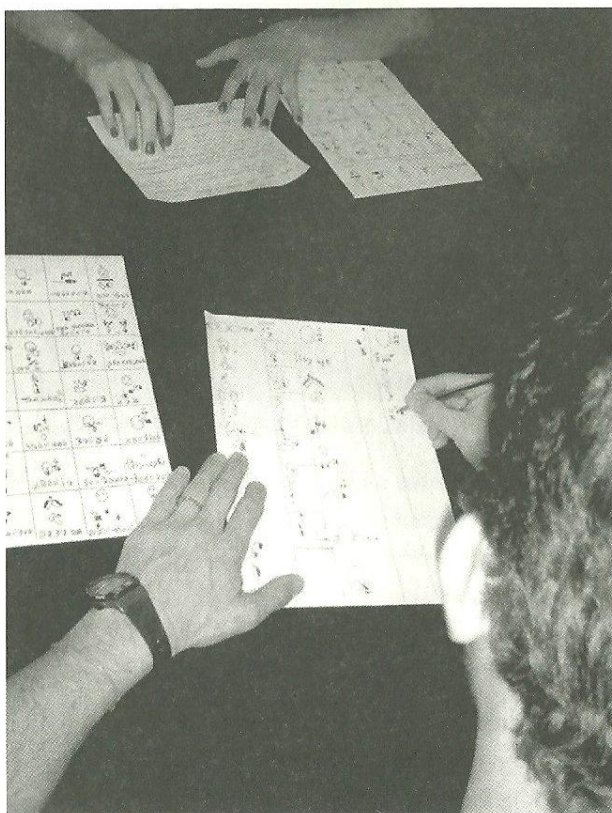
Tem alguns detalhes curiosos na forma de como o povo surdo se comunicam: no ônibus os sujeitos surdos comunicam-se através de vidro – um sujeito em fora e outro dentro de ônibus; nas cidades, em praças ou nas praias, sujeitos surdos forasteiros que não se conhecem uns aos outros procuram um ponto de encontro – onde tem uma roda de sujeitos surdos conversando – para encontrarem seus semelhantes.

Outro artefato cultural lingüístico interessante é que estão difundindo um sistema de escrita para escrever a língua de sinais. Este sistema é conhecido pelo nome de Sign Writing – SW e foi um fato histórico importante para o povo surdo, pois,

outrora, diziam que a língua desse povo era ágrafa.

Então o Sign Writing foi iniciado quando os pesquisadores de língua de sinais da Dinamarca, depararam-se com os sistemas de escrita de danças da Valerie Sutton, no ano de 1974, e a partir daí evoluíram muitas pesquisas em outros países que chegaram a algumas escolas de surdos no Brasil.

A pesquisa desse sistema Sign Writing – SW – no Brasil foi desenvolvida pela doutora surda Marianne Stumpf junto com os outros, o primeiro contato que ela teve com este sistema foi no ano de 1996 e em 2005 defendeu a sua tese com este tema. Este sistema agora é conhecido no Brasil como ELS “Escrita em Língua de Sinais”.



(Um graduado de Letras/Libras fazendo prova em SW / pólo UFSC)

Hoje já tem disciplina de ELS em alguns cursos de graduação nas várias Universidades Federais do Brasil, por exemplo, em curso de licenciatura de Letras/Libras utilizam esta disciplina em quinze pólos espalhados pelo Brasil e assim este sistema de escrita se multiplica e difundida em várias comunidades brasileiras.

Mesmo a despeito de mais de um século de proibição de seu uso nas escolas de surdos, preconceito e marginalização por parte da sociedade como um todo, as línguas de sinais resistiram, demonstrando a necessidade essencial de sua utilização pelos povos surdos.

4.3 Artefato cultural: familiar

O nascimento de uma criança surda é um acontecimento alegre na existência para a maioria das famílias surdas, pois é uma ocorrência naturalmente benquista pelo povo surdo que não vêem esta criança um “problema social” como ocorre com as maiorias das famílias ouvintes.

No entanto, os pais surdos ao levarem seus filhos surdos aos médicos e profissionais da área e os mesmos os aconselham a não usarem a língua de sinais alegando que isto provocaria atraso na aquisição de língua portuguesa, encorajando-os a colocarem aparelhos nos seus filhos argumentando que ouvir som e aprender a falar é melhor do que nada, assim asseguram autores Lane, Hoffmeister e Bahan (1996, p. 30):

Se os profissionais oferecem tais estranhos conselhos, enxergando a criança surda não como um presente de Deus, mas como um problema, então os pais surdos que estão seguros na sua identidade cultural, reconhecendo que eles têm mais experiência e conhecimento em criar crianças surdas do que os profissionais que os aconselham, ignoram tais informações. Ressegurados que nada foi encontrado de errado com sua criança, que ela é simplesmente surda, voltam para casa e prosseguem com suas vidas, cercados de recursos do “Mundo-Surdo”, que oferece suporte, encorajamento, e os meios para existir e contribuir como um membro íntegro da sociedade, no mundo, de forma ampla, bem como no “Mundo-Surdo”.

Enquanto isto, nas famílias ouvintes, durante a gravidez, fantasiam que o filho esperado é o mais bonito, perfeito, inteligente e ouvinte. Quando nasce um bebê, os membros da família brincam, conversam e vivenciam todo o amor sentido por ele.

Quando o médico apresenta o diagnóstico da surdez, os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito “não normal” e ficam frustrados porque vêem nele um sonho desfeito. Então, essas famílias alimentam esperanças de “cura” dessa “deficiência”, ficam ansiosas e questionam será que o meu filho surdo um dia ouvirá?

Será que um dia ele falará igual à criança ouvinte?

Será que um dia ele será mais bem aceito pela sociedade?

Será que um dia o meu filho terá uma vida “normal”?

Como vemos, têm muitos “serás”, não existem certezas neste caso, o que sabemos é que geralmente a família desta criança surda não procurará a comunidade surda, como explica Lane (1992, p. 21), no caso da criança surda:

Apesar da criança surda que foi sujeita ao implante não se mover facilmente no mundo ouvinte, é pouco provável que o faça na comunidade dos surdos, é pouco provável que aprenda fluentemente a American Sign Language¹⁷ [...], criando os seus próprios valores fundamentais existentes naquela comunidade. A criança surda corre então o risco de se desenvolver sem qualquer tipo de comunicação concreta, seja ela falada ou gestual. Conseqüentemente esta criança poderá desenvolver problemas de identidade, de adaptação emocional e até mesmo de saúde mental.

Já teve casos em que muitas famílias ouvintes foram pedir opinião ao povo surdo e optaram depois em colocar o filho surdo na cultura ouvinte seguindo conselhos de muitos especialistas também ouvintes. O anseio de tornar seus filhos surdos “normais” perante a sociedade falou mais alto, pois as famílias ouvintes no meio da comunidade surda sentiram-se “estrangeiras”, porque é um mundo diferente que não compreendem e com o qual se assustam. Como pronuncia uma surda:

Faço parte da comunidade dos surdos sinalizados e sempre fui sincera com as mães, sempre digo que sou surda profunda e amo a Língua de Sinais, sou feliz como Deus me fez e não pretendo mudar isso. Mas são elas que têm que decidir o futuro dos seus filhos surdos e não eu. Elas sabem que sou contra elas afastarem o filho da comunidade surda, privando o direito de eles se comunicarem em Libras, fico muito triste com isso, mas continuo sendo amiga das mães, sempre rezo por elas para que mudem de idéia

¹⁷ Língua de Sinais Americana – ASL.

e que essas crianças, no futuro, possam participar da comunidade surda.
(IRENE M. STOCK)¹⁸

Fui à comunidade surda e entrevistei muitos sujeitos surdos, alguns com família de todos os membros surdos e outros, na maioria, com família de todos os membros ouvintes, com a finalidade de abranger quais diferenças culturais entre eles.

Na maioria dos casos, com famílias ouvintes, o problema encontrado para esses sujeitos surdos é a carência de diálogo, entendimento e da falta de noção do que é a cultura surda. Cito exemplo abaixo:

Em muitas ocasiões eu não entendia o que falavam ao redor da mesa durante as refeições ou durante as novelas na televisão e muita vez implorava às pessoas pela pouca atenção e explicação sobre tudo.

Em famílias ouvintes, as crianças surdas observam as conversas e discussões que não são direcionadas a elas. Igualmente, Leó Jacobs descreve na autobiografia, detalhadamente, o sentimento cometido neste isolamento das crianças surdas com famílias ouvintes, dentro da própria casa, devido às barreiras de comunicação:

Você fica fora da conversa à mesa do jantar. É o que se chama de isolamento mental. Enquanto todos os outros falam e riem, você se mantém tão distante quanto um árabe solitário num deserto que se estende para o horizonte por todos os lados. [...] Sente-se ansiosa por um contato. Sufoca por dentro, mas não pode transmitir esse sentimento horrível a ninguém. Não sabe como fazê-lo. Tem a impressão de que ninguém compreende nem se importa. [...] Não lhe é concedida sequer a ilusão de participação. [...] (SACKS, 1989, p. 136)

O que encaixa bem também estes anseios destas crianças surdas é o que a autora surda, Laboritt (1994, p. 59), explica:

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legendas.

¹⁸ Agradeço a Irene M. Stock pela contribuição de sua narrativa como exemplo para este livro.

Salvo alguns casos, quando tem diálogos e bom vínculo entre eles, isto ocorre porque um ou outro membro ouvinte de família do filho surdo resolveu se informar e aprofundar a respeito da cultura surda, procurando se comunicar e passar todas as informações para a criança surda em uma relação de diálogo, onde existe uma efetiva troca de saberes e da aceitação de identidade surda.

Nas outras famílias com todos os membros surdos, dos avós até os filhos, passando por tios, tias, primos, e outros e assim eles passam pelo processo natural de transmissão da cultura surda.

Nestas famílias surdas, as crianças surdas têm informações que as ajudam a compreenderem os artefatos culturais existentes nos povos surdos, também pode ocorrer que nas famílias surdas tenham um ou mais membros ouvintes, vejamos o exemplo em um trecho de uma reportagem sobre uma família toda surda com um membro ouvinte:

[...] Sueli Ramalho Segala, 43 anos. Surda, ela não sofreu com o preconceito na gravidez. Seus conflitos começaram quando Felipe nasceu. Toda sua família é surda e ele foi o primeiro ouvinte depois de três gerações. Apesar de o pai não ser deficiente, durante o pré-natal o médico afirmou que a chance de o bebê nascer surdo era de 95%. “Foi uma surpresa quando percebemos que ele escutava. Perguntei à minha mãe como eu cuidaria dele”, conta. Quando o garoto fez 2 anos, o casal se separou. Sueli e Felipe foram morar com os pais e o irmão dela. Assim, o menino cresceu em meio à Língua Brasileira de Sinais e a cultura surda. “A primeira palavra que falou foi em sinais: mamadeira. Em português falado, ele chamou o pai. Compreendeu desde pequeno como era a nossa comunicação.” [...] Felipe faz bicos como intérprete da Libras, unindo dois mundos com línguas e cultura diferentes. (PERRI, acesso em: 29 jan. 2008)¹⁹

Nas famílias surdas, os membros surdos têm comportamentos próprios deles, por exemplo, é habitual assistirem televisão no volume mudo para não incomodar os vizinhos, todos usam língua de sinais como a língua prioritária do lar, lavam louças e fazem movimentos inesperadamente com barulho alto sem perceberem. Deste modo, explicam os autores americanos Lane, Hoffmeister e Bahan (1996), que durante as refeições de uma família com todos os membros surdos, a criança surda está

¹⁹ Fonte: <http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=1004&codtipo=10&subcat=103&canal=revista>.

incluída nas conversas em língua de sinais desde o início e quando chegam visitas amigos surdos e ou ouvintes, as conversas continuam sendo conduzidas em língua de sinais e assim a criança surda visualizando, recebem informações, categorizam, guardam e dão sentidos a isto.

Há uns quinze anos atrás eu fui com uma amiga surda em São Paulo e ficamos em casa de outra amiga surda paulista que tem família com todos os membros surdos. Nós três na época, durante madrugada ficamos conversando em língua de sinais dando ênfase aos diversos assuntos no nível do interesse de nós como moças. Conosco estava um dos membros dessa família, a irmãzinha menor surda de 7 anos, que não participava nas nossas conversas, mas que observava-nos. Nós a mandávamos ir dormir porque era assunto de adultos. Recentemente encontrei esta “irmãzinha menor” já adulta, uma acadêmica, ótima profissional e inteligente, ela comentou que se lembra dos assuntos que conversamos naquela noite.

Isto reforça o que os autores Lane, Hoffmeister e Bahan colocam:

O ambiente visual e a língua (linguagem), o enriquecimento das interações e estas pequenas acomodações, tudo resulta num grande gasto para o desenvolvimento da criança surda. As maiorias das crianças surdas de pais surdos funcionam melhor do que crianças surdas de pais ouvintes nas áreas acadêmicas, sociais e lingüísticas. Crianças surdas de pais surdos desenvolvem um sentido de identidade que é forte e auto-governada. (1996, p. 27)

Muitas vezes nestas famílias podem ocorrer que as crianças surdas não se acham diferentes do resto do mundo, elas crêem que os sujeitos ouvintes é que são “estranhos”, “esquisitos” ou “diferentes” deles, apresento abaixo exemplos de diferentes situações:

“Um papagaio fazia parte da família, eu ficava intrigada e imaginando por que todos falavam mais com o papagaio do que comigo, neste período começaram as dúvidas e mais dúvidas, sem imaginar que eu podia ser diferente, não me lembro se sabia os nomes das pessoas, demorei muito para entender que eu, as pessoas, as coisas tinham nomes.” (VILHALVA, 2001, p. 12)

O surdo americano Sam Supalla, que tem várias gerações de família de surdos, descreve sua experiência sobre a amizade de infância com uma menina ouvinte de sua idade:

[...] Após alguns encontros tentativos, eles tornaram-se amigos. Ela era uma companheira satisfatória, porém havia o problema de sua “estranheza”. Ele não conseguia falar com ela da maneira que conseguia falar com seus irmão mais velhos e com seus pais. Ela parecia ter uma dificuldade extrema de compreender mesmo os gestos mais simples ou mais rudes. [...] Um dia, Sam lembra-se vivamente, que ele finalmente entendeu que a sua amiga era de fato estranha. Eles estavam brincando na casa dela, quando de repente a mãe dela chegou até eles e animadamente começou a mexer sua própria boca. Como se por mágica, a garota pegou uma casa de boneca e levou-a para um outro local. Sam estava perplexo e foi para casa perguntar a sua mãe sobre exatamente que tipo de aflição que a menina da porta ao lado tinha. Sua mãe explicou a ele que ela era ouvinte e por razão disto ela não sabia sinalizar; em vez disso, ela e a sua mãe falam, movimentam suas bocas para falarem entre si. Sam então perguntou se esta menina e a família dela era as únicas “daquele jeito”. A mãe dele explicou que não, de fato, quase todas as pessoas eram como seus vizinhos. Era a sua própria família que era incomum. Aquele foi um momento memorável para Sam. Ele lembra de pensar o quanto estava curiosa a menina da porta ao lado, e se ela era ouvinte, como as pessoas ouvintes eram curiosas. (PADDEN; HUMPHRIES p. 15-16)

Esta situação abaixo é de outra família com todos os membros surdos que moram em São Paulo, a filha depõe a sua experiência parecida com os demais acima:

Em criança, achava que o mundo era deficiente, em oposição à sua própria casa, onde todos eram normais. Sendo a Libras a sua língua materna, na rua, ficava com dó das outras crianças, pois elas não falavam com as mãos. Os pais lhe diziam: não falam com as mãos porque ouvem (apontavam para o ouvido), mas Sueli achava (como é comum a crianças com surdez profunda de nascença) que ouvido não tinha função a não ser a de pendurar o brinco, pois o surdo profundo não entende o conceito de som, sendo que apenas sente vibrações. Ensinava às amigas o alfabeto de sinais, para poderem se entender. Assim aprendeu que todas as coisas têm nome (para os surdos, todas as coisas têm um sinal, ou nome gestual). (SUELI RAMALHO, 2008)²⁰

Dentro dessas famílias surdas, quando tem bichos domesticados, como cachorros ou gatos, estes se habituem a entender as ordens dadas em língua de sinais ou arranjam maneiras para ajudar aos membros surdos. Por exemplo, a minha

cachorrinha Asteca, ela sabe que sou surda e quando lá em casa tocam a campainha na porta, ela vem me avisar com um olhar mexendo o rosto, como uma espécie de linguagem corporal. A

Lá em São Paulo tem uma família de pai surdo, mãe surda e duas filhas moças surdas, eles possuem um cachorro labrador que entende a comunicação em gestos, quando a moça surda faz sinal de “passear”, o cachorro vibra de alegre indo até a porta, e assim por diante. Também entende do sinal “fazer xixi”, “tomar banho”, “comer” e até mesmo os sinais de nomes de cada membro de família. Os animais criarem vínculo com os sujeitos surdos é tão corriqueiro para o povo surdo que encontramos muitos casos desse tipo em muitos lares.

Vejamos abaixo um depoimento da psicóloga surda sobre o processo de aprendizagem do gato dela:

Sou surda, psicóloga clínica e escolar, moro com meus dois filhos, Bruno de 24 anos e Anna de 21 anos que são ouvintes. Pretendo contar a minha experiência com o gato branco de olhos azuis, lindo e fofo. A Anna ganhou o Rony, o nome do gato, do namorado em 2005, que veio ao meu apto com 45 dias de vida. Como psicóloga eu entendo que os animais aprendem por condicionamento e pensei em uma forma de o Rony iria entender o meu comportamento de pessoa surda pois sei que dentro da cultura surda, tem inúmeros casos de animais como: cachorro, papagaios e gatos que tem uma comunicação visual e forte com os surdos. Então, cedo aconteceu que o Rony teria uma comunicação específica comigo, mas teria de esperar o tempo de aprendizado. Passou-se dois anos e nesses anos realmente o Rony tem uma comunicação que diferencia a dos meus dois filhos ouvintes. Eu trabalho o dia inteiro assim como os meus filhos e a noite nos encontramos o Rony e ele tenta obter a atenção de nos três. Com o Bruno e Anna, Rony mia por trás, ao lado deles e eles respondem ao chamado e o pega dando-lhe o carinho. Rony quando mia para mim ele sabe que dou atenção com muitos mimos e carinho, mas aos poucos foi percebendo que se miasse atrás de mim ou ao lado eu não respondia. Rony foi percebendo que precisava ficar na minha frente para responder ao chamado e tentou miar mesmo na frente sem parar. Mas foi percebendo que não adiantava miar sem que eu esteja olhando e assim parou de miar se eu não o olhasse. Aos poucos, Rony foi adquirindo o comportamento como passava por trás sem miar, vai na minha frente sem miar se não estiver olhando para ele. Então ele entendeu que seu o olhasse ele miava bem alto e assim ele recebia mimos

²⁰ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sueli_Ramalho

e carinhos e começou fazer assim todos os dias e com meus filhos ele tinha o comportamento diferente, miava todos os sentidos e sabia que recebia carinho e comigo só miava quando eu olhasse bem na minha frente. Com o passar do tempo, devido ao excesso de trabalho e pouco tempo para ele, eu comecei a ignorá-lo e ele começou a todo custo encontrar uma maneira para que eu o olhasse, então aos poucos começou a me chamar com patas e miar. E eu me derreto diante do comportamento dele e dou mimos e carinhos. Essa experiência eu sempre conto para todos, pois é um tipo de comunicação especial que se desenvolve quando existe uma interação entre pessoa e animal através de contatos, comportamento visual e é possível acontecer. Por esse motivo, dentro da cultura surda, quase todos os surdos tem animais em sua casa. (RITA MAESTRI)²¹

4.4 Artefato cultural: literatura surda

Quarto artefato cultural é a literatura surda, ela traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais. Karnopp faz referência a respeito desse artefato cultural: “[...] utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa [...]”. (1989, 102).

De tal modo acrescenta o americano surdo Dr. Andersson “[...] pessoas surdas de talento já tentaram criar poesia ou humor em língua de sinais. Essas inovações culturais aconteceram em muitos países. O recente “Deaf Way Festival” na Universidade Gallaudet provou claramente que a língua de sinais funciona como um enriquecimento cultural ideal.” (1992, p. 158).

A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas.

Grande parte dessas narrativas em língua de sinais tem sido gravada em CD-ROOM, vídeos e DVD, servindo atualmente como fontes para as várias pesquisas

²¹ Agradeço a Rita de Cássia Maestri pela contribuição de sua narrativa como exemplo para este livro.

realizadas por sujeitos surdos e ouvintes nas universidades, gerando este artefato cultural Literatura Surda, que é nativa e incomum:

Diferentes artefatos culturais são produzidos no sentido de dar sustentação a determinados discursos sobre os surdos. Entre eles, destacamos a literatura infantil que está presente em diferentes contextos sociais, sendo a escola um espaço privilegiado da leitura desses materiais. Nos últimos anos, essa literatura tem sido foco de pesquisas na área da educação justamente por sua inserção e disseminação nas escolas, entre professores e alunos, tanto como material de instrução como de lazer. (KARNOPP, 2006, p. 101)

Muitos escritores e poetas surdos também registram suas expressões literárias em língua portuguesa, como testemunhos compartilhados de suas identidades culturais e, assim, a cultura surda passou a ganhar espaço literário com lançamentos de livros e artigos com temas nunca antes imaginados,

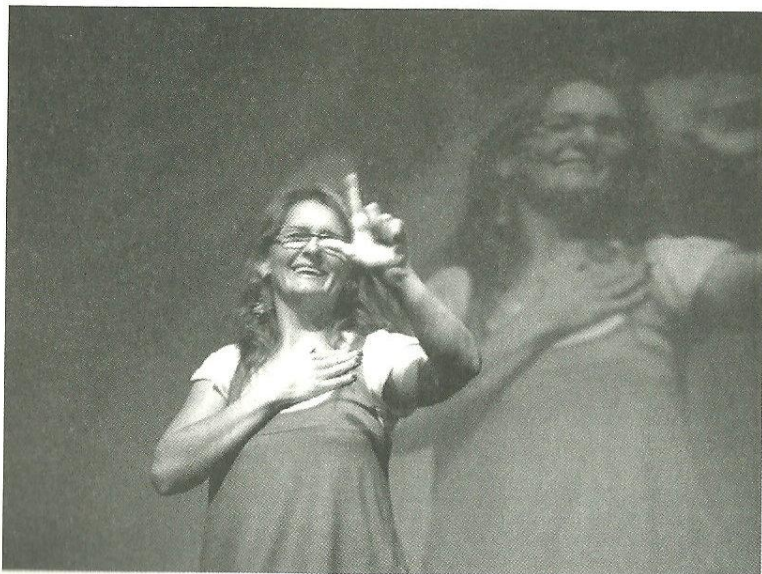
Carol Padden e o Tom Humphries, escritores surdos americanos, lingüistas que escreveram livros “Deaf in america: voices from a culture” e “Inside deaf culture”, valorizaram a chamada “cultura surda”, o que fez uma transformação positiva nos “olhares” sobre o povo surdo. Outro excelente escritor surdo é o inglês Paddy Ladd, que escreveu o livro “Understanding deaf culture In search of deafhood”, uma leitura espantosa que mostra muitas veracidades sobre o mundo dos surdos.

A surda brasileira Gladis Perlin publicou muitos artigos, tais como “As identidades Surdas” (1998) “O ser e o estar sendo surdos: alteridade diferença e identidade” (2003); “O local da cultura surda”; (2004); “Surdos: o discurso do retorno” (2005); “Surdos: por uma pedagogia da diferença” (2006); “Surdos: cultura e pedagogia” (2006); que contribuíram significativamente a compreensão da cultura surda na construção de identidades. E um processo permanente de respeito do “ser surdo”, mudando a visão da história que garante o valor dos direitos culturais para povo surdo, transformando as relações de poder, desde a vida cotidiana, até os espaços mais públicos.

Outros autores surdos brasileiros contribuíram com o artefato cultural literário, dentre muitos eu menciono alguns:

- ♦ Carolina Hessel: “Por um currículo em Língua de Sinais” (2006);
- ♦ Celso Baldin: “A juventude – o Rio de Janeiro e o carnaval” (2001);

- ♦ Fabiano Souto Rosa: “Literatura Surda: criação e produção de imagens e textos” (2006);
- ♦ Flaviane Reis: “Professor surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica” (2006);
- ♦ Gisele Rangel: “História do povo surdo em Porto Alegre: Imagens e sinais de uma trajetória cultural”, (2004);
- ♦ Jorge Sérgio L. Guimarães: “Até onde vai o surdo” (crônicas / 1961);
- ♦ Marianne Stumpf: “Sistema Sigwriting: por uma escrita funcional para o surdo” (2005);
- ♦ Olindina Coelho Possídio “No meu silêncio: Ouvi e Vivi. ” (autobiografia, 2005);
- ♦ Patrícia Luiza Ferreira Pinto “Identidade cultural surda na diversidade brasileira” (2001);
- ♦ Ronice de Oliveira “Meus sentimentos em folhas” (livro de poemas, 2005);



(Surda declarando uma poesia em Língua de Sinais)

- ♦ Shirley Vilhalva: “Recortes de uma Vida: Descobrimo o Amanhã” (autobiografia, 2001), “Por uma pedagogia surda” (2004);
- ♦ Wilson Miranda: “Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais”, (2001).

Por muitas gerações os povos surdos transmitem muitas histórias através de língua de sinais, a maioria delas parte de experiências das comunidades surdas que transmitem seus valores e orgulho da cultura surda que reforça os vínculos que os unem com as gerações surdas mais jovens. Selecciono mais uma citação que exemplifica o que digo:

[...] Primeiro, como em outras culturas, elas são carregadores de história, maneiras de repetir e reformular o passado para o presente. E segundo, nas circunstanciais especiais da Comunidade Surda, estas histórias assumem um outro peso: elas são um meio vital de ensinar a sabedoria do grupo para aqueles que não têm famílias Surdas. [...] (PADDEN; HUMPHRIES, 2000, p 38.)

A literatura surda também envolve as piadas surdas que exploram a expressão facial e corporal, o domínio da língua de sinais e a maneira de contar piada naturalmente. São consideradas extraordinárias na comunidade surda.

Na maioria das vezes estas piadas e anedotas envolvem a temática das situações engraçadas sobre a incompreensão das comunidades ouvintes acerca da cultura surda e vice-versa, como é o caso da popular piada “A árvore surda”: o lenhador que grita “madeira” para uma árvore surda e ela não cai, e a árvore só cai quando o lenhador aprende a soletrar “m-a-d-e-i-r-a”. O sujeito surdo ao contar esta piada, incorpora os personagens com as expressões corporais e faciais e os diálogos, usando a língua de sinais, o que faz com que os expectadores prendam a respiração no desenrolar da história humorística para depois caírem na risada.

Estas piadas da cultura surda muitas vezes podem ocorrer sem que a comunidade ouvinte as compreenda e/ou não as achem engraçadas e vice-versa: o povo surdo também não compreende as piadas da cultura ouvinte. Isto ocorre porque os sujeitos surdos usam nas piadas os artefatos culturais do povo surdo, enquanto para o povo ouvinte, a temática da língua portuguesa e versões sonoras são mais importantes.

A história dos surdos oficial que se embaraça com a história do próprio povo surdo, os discursos apaixonantes dos sujeitos surdos das gerações passadas nos quais nos faltam registros verídicos e comprovados para acrescentarmos as muitas páginas da história cultural.

Tem muitos pesquisadores da história cultural de surdos, dentre eles estão o Antônio Campos de Abreu, formado em História, o Otaviano de Menezes Bastos, o Dioniso Schmitt e a Gisele Rangel, todos eles possuem um imenso acervo histórico cultural sobre o povo surdo.

Os povos surdos olham para suas trajetórias vivenciadas no passado e no presente e percebem muitas realizações deslumbrantes dos pioneiros da cultura surda. A história cultural de surdos é longa e complexa, existe há dezenas de milhares de anos, os povos surdos usam inúmeros meios de se comunicar através da língua de sinais, desenhos, expressões faciais, corporais e imagens visuais.

Como vemos com o passar do tempo, os povos surdos tiveram a necessidade de registrar suas atuações do cotidiano, como as várias conquistas, língua de sinais, tradições culturais, entre outros, e com isto surgiu a literatura surda!



(um professor surdo contando história às crianças surdas)

4.5 Artefato cultural: vida social e esportiva

O quinto artefato cultural é a vida social e esportiva do povo surdo, são acontecimentos culturais, tais como casamentos entre os surdos, festas, lazeres e atividades nas associações de surdos, eventos esportivos e outros.

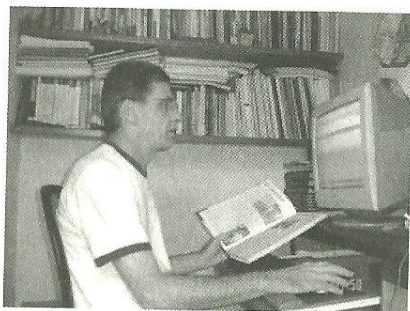
Os sujeitos surdos têm alguns estilos especiais que se desenvolvem para se sair bem em situações de apuros. Cito um exemplo ocorrido comigo: *Como moro sozinha, eu precisava ir ao aeroporto no dia seguinte às 5 horas de madrugada e não sabia como iria chamar um táxi? Então mandei mensagem celular para minha irmã e pedi a ela agendar um táxi frente meu apto. No dia seguinte, o táxi veio, escrevi para o motorista um papel explicando que queria ir ao aeroporto e ele me levou sem problema.*

Na mesma situação exemplifico outra cena ocorrida com o ator surdo:

Aconteceu aos 6 anos de idade, quando minha mãe me mandou comprar uma mamadeira para meu irmão, na época um bebê. Ela não se preocupou com o fato de eu ser surdo. Foi a primeira vez que comprei alguma coisa sozinho. Na loja, fiquei olhando, procurando nas prateleiras a mamadeira para apontar, mas não havia nenhuma à mostra. O lojista me pediu para escrever o que queria, mas aos seis anos, eu ainda não sabia escrever. Então desenhei a mamadeira no papel, o homem entendeu e eu voltei feliz da vida para casa. (PIMENTA, 1999, p. 62).

Há reações emocionais dos sujeitos surdos que trazem padrões de comportamentos habituais do povo surdo que pode consistir em contatos íntimos entre os membros da comunidade surda, tais como as amizades, lealdades e casamento entre eles. Cita Lane “[...] outra característica notável desta cultura é a sua percentagem de casamentos endógamos: nove em cada dez membros da comunidade americana dos surdos casam-se com membros pertencentes ao seu grupo cultural” (1992, p. 31).

[...] em alguns centros urbanos, eles encontram seus pares surdos somente duas ou três vezes por semana e gastam maior parte de seu tempo em um mundo ouvinte. Esse fato produz um padrão de comunidade em que o tempo em que permanecem é fragmentado; por outro lado, são extremamente próximos uns dos outros, havendo a tendência entre os membros da comunidade surda de casarem entre si ou de residirem próximos uns aos outros. Essa característica social faz com que pessoas surdas mantenham suas vidas na comunidade surda, participando da



(Antônio Campos de Abreu trabalhando a história dos surdos)

associação de surdos, realizando atividades conjuntas, estudando em uma mesma escola, empreendendo lutas e reivindicações conjuntas. (KARNOPP, 2005, p. 230-231).

Dentro da comunidade surda, os sujeitos surdos não diferenciam um ao outro através de grau de sua surdez,²² e sim que o tal fulano é “surdo” ou “ouvinte”, pois isto demonstra as suas identidades culturais do pertencimento à comunidade surda. Portanto, ser filho de pais surdos é extremamente respeitável no círculo deles, como cita o Wrigley (1996, p. 15):

A partir de uma visão dos Surdos, o ato politizado de alegar uma surdez “nativa” – ou seja, uma surdez de nascença – está ligado à identidade positiva de não estar “contaminado” pelo mundo dos que ouvem e suas limitações epistemológicas do som seqüencial. A “pureza” do conhecimento dos Surdos, a verdadeira Surdez, que vem da expulsão desta distração é na cultura dos Surdos uma marca de distinção. Seria melhor ainda se os familiares e até mesmo seus pais fossem também Surdos.

O povo surdo debate muito sobre identidade cultural nos casos de filhos surdos de pais surdos, fazendo com que muitos deles também aspirem ter filhos surdos, isto é considerado natural pela comunidade surda. *Em uma ocasião, quando resolvi adotar um filho, na vara de infância, a psicóloga ao conversar comigo disse que o menino era ouvinte e teve uma surdez progressiva. Retrucou preocupada, está consciente que ele vai ficar surdo profundo? Eu respondi: E daí? Para mim isto não muda nada, para mim ele é o menino Richardt e vou aceitá-lo!*

²² Na área de saúde classificam-se os surdos através de exames audiometrias. Graus de surdez mais conhecida são: Leve/ Moderada/ Severa / Profunda.

Lane cita situações diferentes de duas mães surdas quando souberam que suas filhas eram surdas, a primeira diz: *“Pensei para comigo, ela deve ser surda. Não fiquei desiludida; pensei, vai correr tudo bem. Somos as duas surdas, por isto saberemos o que fazer.”* (1992, p. 34) e da outra mãe que vem de uma grande família de surdos onde todos esperam que ela gere um outro membro surdo: *“quero que minha filha seja como eu, seja surda”* (1992, p. 34), percebemos que a primeira aceitou com naturalidade enquanto a outra afirma que a filha será surda, já que todos os membros também o são.

Dois mulheres lésbicas americanas surdas provocam críticas de povo ouvintes por deliberadamente optar por ter um bebê através de inseminação artificial de um homem também surdo fazendo com que aumente a possibilidade delas terem filho surdo.

As duas mulheres surdas disseram que queriam uma criança que fosse como elas. Em uma entrevista a um jornal, as mulheres declararam que seriam melhores mães de uma criança surda que uma pessoa ouvinte. Elas acreditam que são capazes de entender mais completamente o desenvolvimento da criança e oferecer melhor orientação, e disseram que a escolha não foi diferente de optar por um determinado sexo. Um trecho desta entrevista:

[...] parte de uma geração que enxerga a surdez não como uma deficiência, mas como uma identidade cultural. “Algumas pessoas encaram isso como, “Oh, meu Deus, vocês não deviam ter uma criança com uma limitação física”, disse McCullough, a mãe adotiva do garoto. “Mas, você sabe, as pessoas negras têm uma vida mais dura. Por que não poderiam os futuros pais escolher um doador negro se é isso que querem? Eles deviam ter essa opção.” (THEATHER, 2002)

Esta é uma situação que precisamos refletir seriamente; mas até que ponto eles chegam? Será acertado desafiar a humanidade para se ter uma criança surda? É acertado terem uma criança surda para se identificarem com identidade cultural do povo surdo? Será que o ideal não seria adotar uma criança que já é surda do que gerar uma? Este assunto polêmico envolve muito sobre a questão de ética humana.

Esta reflexão precisa ser muito repensada e levar a uma futura discussão séria, assim comenta Thoma: “Com a possibilidade da clonagem de órgãos humanos

ou mesmo de vidas humanas, levanta-se uma discussão ética sobre até que ponto podemos fazer o uso da ciência para determinar o tipo de filhos que queremos” (2004, p. 58).

O padrão de comportamento do povo surdo versa também pela habitual frequência aos bailes das associações de surdos com seus desfiles de misses surdas, discursos longos e repetitivos dos presidentes e representantes de outras associações; a entrega de troféus e medalhas aos atletas surdos nos eventos esportivos de surdos.

Nos bailes e festas promovidos pelas associações de surdos, geralmente no salão, há poucos sujeitos surdos dançando e a grande maioria está conversando em seus cantos, pois os sujeitos surdos, quando reencontram seus amigos de muitos lugares do país, sentem mais necessidade de colocar em dia as conversas para saberem as novidades do que de dançar.

E aqueles que dançam no salão, ou são sujeitos ouvintes – amigos ou familiares de surdos – ou são sujeitos surdos que sentem da vibração de música e gostam de dançar. A maioria procura imitar os passos, tentando adivinhar o ritmo musical, observando os outros dançando; ou então dançam livres a sua maneira, afinal, nestes bailes e festas de cultura surda não tem regras de ritmo musical correto e muitas vezes acontece que quando acaba a música, eles continuam dançando.

Outro lance curioso que as comunidades surdas têm é a tradição de batizar os nomes de seus membros em língua de sinais, que pode ser uma das características físicas da pessoa, ou primeira letra de seu nome, ou de sua profissão, assim como exemplifica Dalcin (2007, p. 205):

[...] os surdos eram “batizados” por outros surdos da comunidade, através de um sinal próprio e que esse sinal seria a identidade de cada um na comunidade surda. [...] a comunidade surda não se refere às pessoas pelo nome próprio, mas pelo sinal próprio recebido no “batismo” quando o surdo ingressa na comunidade [...]

Em princípio as associações dos surdos funcionavam como espaços de recreação e lazer, mas com o passar do tempo passaram a ter necessidades de mais discursos políticos e de outras práticas esportivas, e as competições eram voltadas somente para o futebol.

A partir daí, houve a necessidade de criar as organizações que promovem intercâmbio dos diversos eventos esportivos dos surdos. No Brasil tem a CBDS – Confederação Brasileira de Desportos de Surdos, CISS – Comitê Internacional de Esportes dos Surdos, PANAMDES – Panamericano de Deportes de Sordos, CONSUDES – Confederacion Sudamericana Deportiva de Sordos, que buscam adaptações culturais para surdos nas práticas esportivas, como afirma o surdo Zovico (2002, p. 10):

[...] a prática esportiva para os surdos requer apenas algumas adaptações de sinalização visual, já que o surdo não possui debilitação física, sendo capaz de competir em grau de igualdade com atletas não surdos. Em um jogo de futebol, por exemplo, no lugar do apito são usadas bandeirinhas coloridas.

No ano de 2002 foi realizada no Brasil, na cidade de Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul, a 1ª Olimpíada de Surdos do Brasil. Houve comoventes desfiles dos times de várias associações de surdos brasileiras, hasteamento das bandeiras e Hino Nacional em língua de sinais que marcaram a abertura dos jogos.

A cada quatro anos é organizada a Olimpíada Mundial dos Surdos, com competições de jogos esportivos com muitos atletas surdos de vários países. Na última olimpíada, no ano de 2007, na Austrália, a dupla de vôlei de praia brasileira, os atletas surdos Alex Borges e Alexandre Couto, ficaram em quinto lugar.

O nadador surdo Terence Parkin, da África do Sul, conquistou a medalha de prata nos 200 metros nado peito em uma olimpíada internacional de ano 2000, competindo com outros atletas ouvintes. Seu treinador costumava ficar ao lado do nadador próximo ao bloco para fazer um sinal de saída para o mesmo. Isso antes da FINA autorizar a inclusão da luz, que é colocada especialmente próxima ao seu bloco na partida.

Em eventos públicos como, por exemplo, nas palestras ou apresentações teatrais os sujeitos surdos não ouvem os aplausos com as palmas das mãos, que comovem aos sujeitos ouvintes pelo barulho forte e vibrante; platéias aplaudem para sujeitos surdos girando as mãos levantadas no ar, como expõe Magnini (2007):

Num determinado momento subi numa arquibancada e, olhando de cima, o que presenciei foi um mar de mãos se agitando... Então me ocorreu que aquele espetáculo seria o equivalente ao barulho, se fosse uma festa de ouvintes.

4. 6 Artefato cultural: artes visuais

No artefato cultural artes visuais, os povos surdos fazem muitas criações artísticas que sintetizam suas emoções, suas histórias, suas subjetividades e a sua cultura.

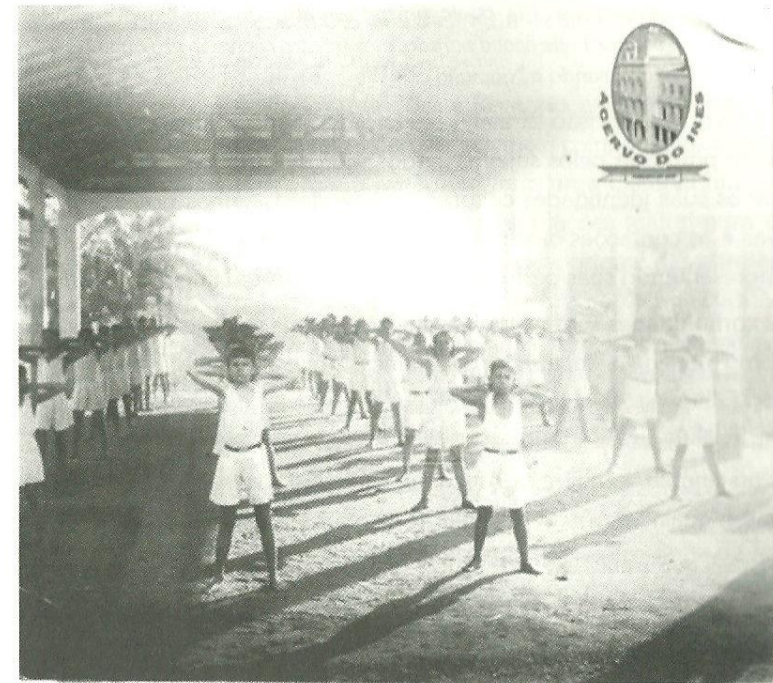
O artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de “olhar” e interpretar a cultura surda. Deste modo, como assevera o sociólogo surdo Anderson: “As pessoas surdas também acham a língua de sinais, como qualquer outra língua, uma maneira poderosa de expandir sua criatividade e prazer artísticos. Teatros nacionais de surdos em vários países fizeram programas de grande sucesso. Artistas surdos têm conseguido mostrar linguagem de sinais em suas pinturas, ilustrações ou trabalhos esculturais.” (1989, p. 158)

Tem muitos surdos artistas que fazem desenhos, pinturas, esculturas e outras manifestações artísticas com a extensão beleza, equilíbrio, harmonia e revoltas com muitas discriminações sofridas pelo povo surdo. Como exemplo, há muitas pinturas e esculturas lindas que os artistas surdos produzem em língua de sinais, cenas de opressões ouvintistas e outros.

Uma surda, Ana Luiza Caldas (2006, p. 116), defendeu mestrado expondo sua pesquisa que é voltada à análise das revelações artísticas de surdos através de pinturas. Concluiu-se que os sujeitos surdos se identificam com pinturas com artefatos culturais do povo surdo e também fazem comparações de diferenças culturais. Observe, abaixo, um trecho da dissertação a respeito de duas conversas entre a professora surda e as crianças surdas:



Revista de uma associação de surdos do ano de 1957 (Acervo INES)



Na década de 1950, os alunos surdos praticando esportes (Acervo INES)

Professora: Eu quero que você sinalize o que você entende sobre o que está na pintura?

Vinícius: ela é surda?

Professora: Não sei? Você tem como ver se ela é surda?

Vinícius: Não sei? Eu acho que ela é ouvinte... Surda ou ouvinte?... O que ela será? Eu não sei? (Vinícius observando Mona Lisa).

Alessandra: Tem alguns animais que são surdos e outros ouvintes, mas eles estão juntos.

Professora: você acha que tem animais surdos e ouvintes?

Alessandra: tem. Antigamente eu tinha um cachorro que era surdo. Ele não falava, ficava parado.

Professora: E como você sabia que ele era surdo?

Alessandra: Ele ouvia um pouquinho. Eu assobiava para ele: Vamos brincar! Ele ficava parado, mas o outro cachorro era ouvinte. (Alessandra observando a Njamala)

No teatro, a expressão através das feições, corpo e língua de sinais é constantemente praticada pelos sujeitos surdos, por isto eles têm grande talento para expressar as suas identidades culturais através de desenhos no ar: as poesias, as narrativas e as contações das histórias. Existem muitos DVDs filmados de poetas surdos apresentando suas performances comoventes em língua de sinais.

Nas comunidades surdas, muitos sujeitos surdos se destacaram na sociedade, assim como Marlee Matlin, atriz surda americana que ganhou o Oscar de melhor atriz em filme “Filhos de Silêncio”, no ano de 1987, que foi uma vitória delirante para o povo surdo. E Emanuelle Laborit, atriz surda francesa, que além de interpretar no teatro e no cinema, também escreveu um livro com sucesso estonteante, traduzido em várias línguas: “O vôo de gaivota”.

No Brasil tem muitos atores surdos, entre eles, o pesquisador Nelson Pimenta, que estudou no National Theatre of the Deaf em Estados Unidos e, atualmente, esta concluindo a graduação de cinema. Ele possui uma empresa “LSB Video”²³



(Pintura de uma surda que expôs na exposição de arte no 4º Seminário Paranaense dos Surdos/2007)

²³ <http://www.lsbvideo.com.br/>

que produz livros, jogos didáticos e DVDs de língua de sinais com muitas histórias infantis, poesias, dramatizações na cultura surda.

Outro ator, mímico e clown, o surdo Rimar Romano, que tem três gerações de família surda, apresenta publicamente suas performances como mímica e teatro-físico junto com os atores ouvintes. Ele e a irmã fundaram uma Companhia de Teatro chamada “Cia. Arte e Silêncio”,²⁴ Rimar faz apresentações teatrais para crianças surdas e ouvintes em escolas, um dos objetivos mais importantes das apresentações dele é divulgar a Libras e cultura surda, como depõe Erelisa Vieira (2007):

*[...] o Rimar tem algumas particularidades, e especialidades, no meu ponto de vista ele consegue inserir a cultura surda em sua arte em teatro, Rimar coloca em meio a sua dramatização, piadas referentes ao campo visual, por exemplo, “desculpe, sou surdo não vi” fazendo a platéia como um todo cair na risada [...]*²⁵

O ator surdo paulista, atualmente com 70 anos, o Reinaldo Pólo atua profissionalmente mais de 50 anos como palhaço fazendo shows em clube de Palmeira, ele faz performances divertidas de tal modo como nas patinações.

Cito um depoimento de um poeta, comediante e dançarino surdo de cidade Caldas Novas – GO, ele criou vários grupos de teatro para ensinar aos outros sujeitos surdos:

*Meu apelido é Paulão Praxedes, atuo há 14 anos de tempo no teatro com surdos. Na época eu estava preocupado porque os surdos tinham muitos problemas na vida social e foi quando eu pensei que queria formar um grupo teatral para ensinar a expressão facial e corporal a eles. Alguns surdos não sabiam ler em português os textos sobre cenas e diálogos. Então eu, como professor surdo explicava para eles em língua de sinais para que eles entendessem bem. Quando eles já aprofundaram mais os conhecimentos sobre o teatro e foi então que criei vários grupos de teatros, dentre eles: “Expressão do Silêncio” (voltadas para crianças surdas), “Mãos do Silêncio” (pastoral dos surdos da igreja católica) e “Gesto do Coração” (para adolescentes e adultos surdos). O meu coração está descompassado por causa do meu grande sonho: realizar o primeiro Encontro Nacional de Teatro dos Surdos.*²⁶

²⁴ <http://www.ciartsilencio.com/index.php>.

²⁵ Fonte: <http://www.ciartsilencio.com/static.php?page=depoimentos>.

²⁶ Agradeço a Paulo Praxedes pela contribuição do seu depoimento para este livro. / Depoimento transcrito na íntegra, sem revisões.

E tem muitos outros comediantes e artistas, tais como Silas Queiróz, Sandro dos Santos Pereira, Heloír Montanher, Celso Badin, Paulo André Bulhões, Cacau Mourão e assim por adiante.

A música, por exemplo, não faz parte de cultura surda, os sujeitos surdos podem e tem o direito de conhecê-la como informação e como relação intercultural.²⁷ São raros os sujeitos surdos que entendem e gostam de música e isto também deve ser respeitado.



(Surdos apresentando teatro em 4º Seminário Paranaense dos Surdos sob a coordenação de ator Nelson Pimenta)

Respeitando a cultura surda, substituindo as músicas ouvintizadas, surgem artistas surdos em diferentes contextos como: músicas-sem-som,²⁸ dançarinos, atores, poetas, pintores, mágicos, escultores, contadores de histórias e outros.

[...] tradição dos contadores de histórias que passam narrações e, mais importante, a tradição da arte de contar histórias em si mesma para gerações mais jovens. Esta auto-educação dentro dessas instituições tem sido pouco estudada, mas ela sugere caminhos importantes de regeneração culturais previamente ignorados. (WRIGLEY, 1996, p. 25)

²⁷ Segundo Nanni: [...] intercultural não se reduz a uma simples relação de conhecimento: trata-se da interação entre sujeitos. Isto significa uma relação de troca e de reciprocidade entre pessoas vivas, com rostos e nomes próprios, reconhecendo reciprocamente seus direitos e sua dignidade. Uma relação que vai além da dimensão individual dos sujeitos e envolve suas respectivas identidades culturais diferentes. (apud FLEURI 2001, p. 118)

²⁸ Coreografias de danças em língua de sinais sem música... Bom exemplo disto pode ser visto na abertura de vídeo francês: "O Mundo de Surdos".



(Ator surdo Rimar Romano fazendo sua apresentação para as crianças surdas e ouvintes)

4.7 Artefato cultural: política

Outro artefato cultural influente das comunidades surdas é a política, que consiste em diversos movimentos e lutas do povo surdo pelos seus direitos.

Historicamente o povo surdo brasileiro transmitiu muitas tradições em suas organizações das comunidades surdas, o espaço cultural mais conhecido de todos são as associações de surdos.

No início as associações de surdos tinham exclusivamente o objetivo de natureza social devido ao baixo padrão de vida no século XVIII, os sujeitos surdos tinham o propósito de ajudar uns aos outros em caso de doença, morte e desemprego e, além disso, as associações se propunham a fornecer informações e incentivos através de conferências e entretenimentos relevantes. (WIDEL, 1992)

Atualmente, um dos maiores objetivos das associações dos surdos é a política, nestas organizações reúnem-se sujeitos surdos em reuniões e assembleias para

compartilharem dos mesmos interesses em comuns, lutando pelos seus direitos judiciais e da cidadania, em uma determinada localidade, geralmente em uma sede própria, alugada, ou cedida pelo Governo.

Cito abaixo, dentre muitos, alguns líderes e militantes surdos mais conhecidos do Brasil que representam importante espaço de articulação cultural política do povo surdo, que contribuíram para a história dos surdos:

[...] Ana Regina e Souza Campello, Surda de nascença, maranhense, formada em Biblioteconomia e Documentação e Pedagogia, atualmente está fazendo mestrado na área de lingüística e doutorado na área de educação em UFSC. A Ana foi uma militante política importante no Brasil, ela desafiou e participou em movimentos na área dos surdos há mais de 30 anos e juntamente com outros surdos líderes criou a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos), uma conceituada instituição que defende os direitos dos surdos e sua cidadania. (STROBEL, 2007, p. 22)

A Federação Nacional de Educação de Surdos / FENEIS é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos com finalidade sócio-cultural, assistencial e educacional que tem por objetivo a defesa e a luta dos direitos da comunidade surda brasileira. É filiada a Federação Mundial dos Surdos / WDF, abaixo vai um trecho da entrevista dada por um dos fundadores surdos, Antônio Campos de Abreu, à revista Sentidos:

Minha primeira experiência foi como diretor da Associação dos Surdos de Minas Gerais, onde atuei por 32 anos. Depois fundei a Federação Mineira Desportiva de Surdos e a Confederação Brasileira de Desportivo dos Surdos, trabalhando como voluntário. Mais tarde me uni a um grupo de surdos para fundar a Federação Nacional das Associações de Surdos. Sempre tive o objetivo de estimular a integração entre surdos e ouvintes, valorizar a cultura do surdo, o uso da Libras e a prática de esportes. Tive a oportunidade de fazer um curso de liderança nos Estados Unidos, na Universidade dos Surdos. E sou membro da Federação Mundial de Surdos. A vitória por tudo que já conquistamos na Feneis não é só minha. Eu sou muito agradecido a comunidade dos surdos. (GISELE, 2007)

Já explicado antes, todavia repito aqui, a outra organização do artefato cultural política de extrema importância para o povo surdo é a Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos / CBDS, a mesma organiza e regulamenta práticas de muitas



(Uma apresentação teatral do comediante surdo paranaense Heloír Montanher)

modalidades de esportes de povo surdos, também promove competições entre as associações de surdos e outros.

A pesquisadora Gladis Perlin incentivou a abertura do movimento de Mulheres Surdas em muitos estados brasileiros, foi feito o “I Encontro Latino Americano de Mulheres Surdas Líderes” no ano de 2004, na cidade de Belo Horizonte, no qual estiveram presentes as militantes mulheres surdas representando o Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Este encontro teve como objetivo principal debater a realidade social da mulher surda na América Latina com ênfase na saúde, violência, educação, sexualidade, política, direitos, cidadania, e participação. O intuito principal foi o de desencadear movimentos pela mulher surda nos países latino-americanos.

O povo surdo luta pela pedagogia surda que parte de um “olhar” diferente direcionado em uma filosofia para educação cultural. Em que a educação dá-se no momento em que o surdo é colocado em contato com sua diferença para que aconteça a subjetivação e as trocas culturais. Fazem referência a respeito Schmitt, Strobel e Vilhalva (2007, p. 28):

Foi através do esboço sobre as práticas discursivas de diversos povos culturais assim como o povo negro, o povo índio, o povo alemão, o povo surdo e outros, é que foi possível desvendar o quanto há uma forte ligação com as relações de transmissão de saberes, conhecimentos e assim surgiu a pedagogia cultural.

Este artefato político abre os espaços dentro de uma educação diferente, por exemplo: o professor surdo entra em sala de aula e tenta aplicar a teoria proposta deparando-se com as diferenças de identidades culturais dos alunos surdos. Então,

para colocar em prática o seu ensino, o professor surdo passa por um processo de transformação, elaborando estratégias respeitando os artefatos culturais encontrados na sala de aula. Faz referencia a respeito a pesquisadora surda:

Em termos pedagógicos, o professor surdo em sala de aula é muito importante, porque quando a criança surda mira o professor surdo, ela se sente refletida nesse professor, ela sabe que, se esse professor chegou lá, ela também pode chegar. Com relação ao professor ouvinte, a criança surda tem uma grande dificuldade de se identificar numa perspectiva de futuro. Então essa criança se sente excluída no processo de formação de sua própria identidade. O professor de surdo pode ser o modelo de como nós, surdos, precisamos ser, em termos lingüísticos e culturais. (PERLIN, 2007)²⁹

A pedagogia surda é uma educação sonhada pelo povo surdo, visto que a luta atual dos surdos é pela constituição da subjetividade ao jeito surdo de ser. Continuando sobre o professor surdo, a pesquisadora Quadros (2005, p. 31) que diz:

[...] Com base nisso, a questão da língua passa a ser também um instrumento de poder nas relações com as crianças e alunos surdos. Sendo a língua de sinais brasileira a língua de instrução, os professores (e/ou instrutores surdos) são os que mais dominam a língua. Quando são professores, são mais indicados para garantir o processo da língua.

▶ Até o currículo também está em processo de transformação, por exemplo, na educação de surdos, nos currículos tradicionais não havia espaço para respeitar a cultura de alunos surdos e recentemente, os currículos estão introduzindo a língua de sinais, a história de surdos, a literatura surda e outros.

Estes artefatos culturais não devem ser considerados apenas como entretenimento, mas sim um importante espaço educacional que faz formar a pedagogia surda e o currículo surdo entre outros, que colaboram na constituição de identidades culturais positivas de sujeitos surdos.

As comunidades surdas improvisam movimentos para defender a pedagogia surda, literatura surda, currículo surdo, historia cultural, aceitação da língua de sinais e de valores culturais. O povo surdo vê nos movimentos uma possibilidade de cami-

²⁹ Fonte: <http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/gladis.pdf>

nhada política na luta de reconhecimento da língua de sinais e de suas identidades surdas contra as práticas ouvintistas, assim como diz a pesquisadora surda:

Para o movimento surdo, contam as instâncias que afirmam a busca do direito do indivíduo surdo ser diferente nas questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação, do bem-estar social (PERLIN, 1998, p 71)

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, graças à luta sistemática e persistente das comunidades surdas, vitoriosamente foi reconhecida pela nação brasileira como a língua oficial ao povo surdo, com a publicação da Lei n. 10. 436, de 24 de abril de 2002.

O curso de Letras/LIBRAS é pioneiro na América Latina:

“A UFSC oferecerá, a partir deste ano, em parceria com outras oito instituições de ensino superior, o curso de graduação a distância em Letras/Licenciatura com habilitação em Língua Brasileira de Sinais (Libras). [...] A coordenadora responsável pelo projeto de criação e oferecimento do curso em âmbito nacional é a professora da UFSC, Ronice Müller de Quadros. Ronice explica a importância dessa licenciatura: “A nova lei criou uma demanda grande por profissionais com essa graduação. Há vários anos, o MEC vem oferecendo capacitação para pessoas preferencialmente surdas que atuam como instrutores da língua de sinais sem a licenciatura. O objetivo do projeto é formar professores com essa graduação”. O número de surdos também é um fator relevante. Existem cerca de 170 mil surdos no Brasil, de acordo com o último Censo realizado, no ano de 2000; 2007)³⁰

Outra orgulhosa conquista feita pelo povo surdo é a comemoração de seu dia, o “Dia do Surdo”. Esta data é comemorada em muitos países, na maioria no mês de setembro com variação de dias. Aqui no Brasil comemoramos o Dia do Surdo em 26 de setembro, porque nesta data foi um marco histórico importante – foi fundada a primeira escola de surdos no Brasil.³¹ Nesta data o povo surdo comemora com muito orgulho tendo sua cidadania reconhecida sem precisar se esconder embaixo de braços de sujeitos ouvintistas, assim como reforça a Moura (2002, p. 11):

³⁰ Fonte: <http://www.ead.ufsc.br/portal/index.php?action=view&id=26&module=newsmodule&src=%40random42e916c33c82d>

³¹ Foi fundada a primeira escola de surdos no Brasil, o atual INES- Instituto Nacional de Educação dos Surdos, em Rio de Janeiro no dia 26 de setembro de 1857 pelo prof. Francês surdo Eduard Huet.

Ernst

O dia do Surdo tem um significado simbólico muito importante. Ele representa o reconhecimento de todo um movimento que teve início há poucos anos no Brasil quando o Surdo passou a lutar pelo direito de ter sua língua e sua cultura reconhecidas como uma língua e uma cultura de um grupo minoritário e não de um grupo de "deficientes".

Com este artefato cultural político, vamos refletir sobre as situações em que vivemos e levantar desafios para nós os membros das comunidades surdas, liderando os muitos movimentos, contribuirmos para as mudanças positivas das representações sociais acerca dos povos surdos!

4.8 Artefato cultural: materiais

Há artefatos culturais materiais resultantes da transformação da natureza pelo trabalho humano, e sua utilização é condicionada pelo enleio do comportamento cultural dos povos surdos, que auxilia nas acessibilidades nas vidas cotidianas de sujeitos surdos, assim como os autores americanos alegam no caso das crianças surdas com famílias surdas:

[...] O seu lar já funciona como um ambiente que conduz ao uso visual como o principal meio de aprendizagem e desenvolvimento. A casa tem a rede planejada para responder aos sinais ambientais visualmente. Por exemplo; campainhas e telefones não tocam, mas acendem a luz, cada um com seu padrão. Pais surdos tem TTY para se comunicar ao telefone. (LANE; HOFFMEISTER; BAHAN, 1996, p. 25)

O TDD (Telephone Device for the Deaf) – um pouco maior que o telefone convencional, na parte de cima tem um encaixe de fone e embaixo dele tem um visor onde aparece escrito digitado e mais abaixo tem as teclas para digitar –, instrumentos luminosos como a campainha em casas e escolas de surdos, despertadores com vibradores, legendas closed-caption, babá sinalizadores etc. Cito exemplo de uma situação de uma mãe surda:

[...] só sabia que ele estava chorando com o auxílio de um aparelho chamado "babá eletrônica". O microfone ficava acima do berço e o sinalizador luminosos, ligado por um longo fio, ia comigo para todos os lugares. Enquanto estava na cozinha fazendo meus afazeres, ficava de olho na lâmpada para saber se está piscando. Sem problema! (STRNADOVÁ, 2000, p. 139)

Em 1964, três inventores surdos, Robert Weitbrecht, Andrew Saks, e James Marsters inventaram o modem do TTY (O TTY "Teletypewriter", um aparelho que foi inventado por volta de 1910 para transmitir texto por linha telegráfica que permitiriam o povo surdo se comunicar através de telefone.)

Robert Weitbrecht, um físico surdo que durante toda a sua vida sempre demonstrou seu interesse em Ciências, especialmente em rádios e telex. Formou-se em astronomia na universidade de Califórnia em Berkeley e tem trabalhado como físico em instituto de pesquisa de Stanford. Ele era radioamador e usava RTTY (TTY também era usado por radioamadores, como maneira de transmitir texto por rádio: RTTY- Radio Teletypewriter); ele queria se comunicar com seu amigo surdo o dentista James Marsters e, com isto, foi aperfeiçoado o modem de TDD.

Depois os outros inventores surdos, o negociante Andrew Sacks e o Jim Marsters juntaram-se com Weitbrecht. O Marsters para verificar se os circuitos de rádio do teletipo poderiam ser adaptados para o uso sobre a linha de telefone e o Andrew Saks inventou as luzes de pisca-pisca e caracteres do telefone.

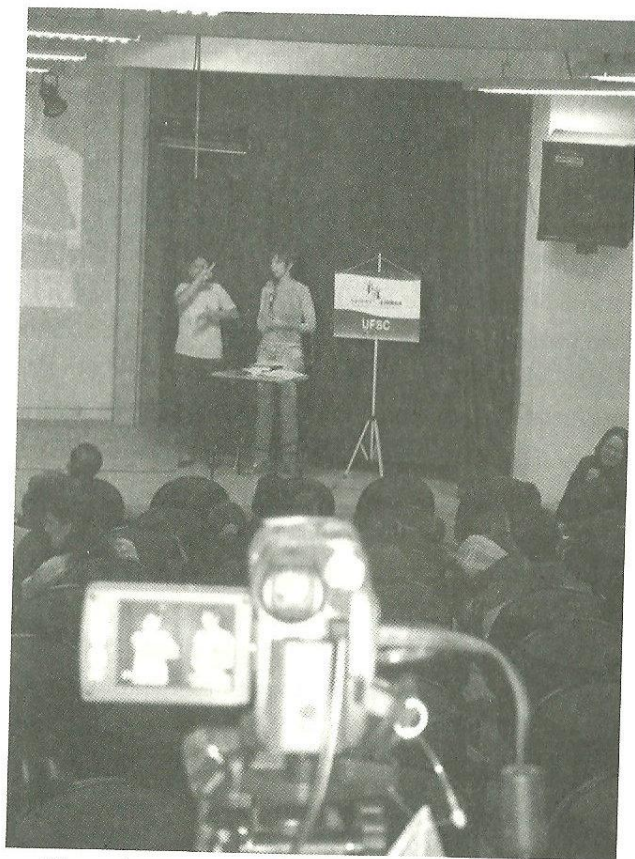
Em 1974, a Universidade Gallaudet homenageou o Robert Weitbrecht com um título especial da ciência pela sua iniciativa da invenção de TDD. No Brasil o primeiro TDD foi trazido dos Estados Unidos por um pai que comprou para seus filhos surdos.

Este invento, o TDD ou TS (telefone de Surdos), tem facilitado a vida de surdos, apesar da tecnologia recentemente desenvolvida de internet, o TDD foi aperfeiçoando e se modernizando e ainda é usado extensamente pelo povo surdo.

E as outras tecnologias que são de domínio da sociedade em geral, mas que são necessárias para o povo surdo, é o meio digital de comunicação em tempo real à distância, tais como torpedos de celular, chats em internet e muitos sites das comunidades surdas.

E, além disso, há a acessibilidade de sujeitos surdos em variados espaços, como em congressos, julgamentos, aulas, cursos, possibilitada por intérpretes de língua de sinais, telão e cartazes etc.

Freeman, Carbin e Boese citam que a língua de sinais está abrindo espaço na sociedade pela mídia e com isto surgem mais intérpretes de língua de sinais e atores surdos em comerciais e programas de televisão: "[...] os noticiários são



(Uma aula em video-conferencia do curso Letras/Libras)

interpretados, candidatos presidenciais aprendem alguns sinais, pessoas que usam sinais são mostradas na televisão nos programas para os adultos e crianças [...]”. (1999, p. 221)

Capítulo 5

A representação imaginária sobre a cultura surda

[...] que reforça o ouvintismo pela presença unicamente da língua portuguesa, pela separação entre escola e comunidade surda é pela indiferença à cultura surda, completando posteriormente:

“O processo de inclusão é aceitar o que o ouvinte quer, pensar como ouvinte”. (Paulo César Machado)

Enfim, há grande dificuldade da sociedade em entender a existência da cultura surda, porque a maioria das pessoas baseia-se num “universalismo”. A representação social julga a cultura dos surdos pela deles e tem a pretensão de achar que só aquilo que as pessoas ouvintes fazem é que está correto, segundo Owen Wrigley (1966, p. 35):

“os universalismos, em todo discurso, são alimentados pela noção de que os seres humanos compartilham propriedades comuns. Esta busca de universalismos é acompanhada por atitudes de acomodação ou por estratégias usadas para neutralizar os desafios às definições hegemônicas. É aí que as culturas nativas dos Surdos sugerem formas para falarmos de um ‘universalismo vivido’, ‘de experiências da surdez’. Ora, os surdos ‘podem espelhar certos aspectos da cultura dominante que os circunda, mas também possuem raízes epistemológicas pelas quais esses aspectos foram legitimamente’ ‘declarados’ ou ‘compreendidos’ dentro da experiência nativa dos Surdos”.

Pode ocorrer que pelos sujeitos surdos estarem em contato com a comunidade ouvinte, acomodem-se externamente aos valores e normas hegemônicas dessa